



## **A Dimensão Pragmática da Comunicação em Textos Orais e Escritos**

Franciele VITALI<sup>1</sup>

Elias José MENGARDA<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/CESNORS

### **Resumo**

*Este trabalho tem por objetivo analisar a dimensão pragmática da comunicação em textos orais e escritos. Foram estudados os conceitos relativos aos planos de “linguagem e da ação”, no processo de construção textual quanto à dimensão implícita da linguagem considerando os atos ilocutivos e perlocutivos da linguagem, as máximas conversacionais de Grice e os marcadores de pressuposição conforme Koch (2006). No jogo argumentativo da linguagem, as funções lingüísticas de representação e de comunicação complementam-se e se apresentam inter-relacionadas, permitindo a construção de novas representações e novos sentidos, apreendidas e produzidas em situações sócio-comunicativas envolvendo o locutor e o interlocutor num contexto específico de interação lingüística.*

**Palavras-Chave:** Linguagem; Ação; Argumentação.

### **1 Introdução**

A comunicação ocorre sempre de forma eficiente entre as pessoas? Antes de responder a essa pergunta, é preciso delimitar a que tipo de eficiência estamos nos referindo. Quando se trata de analisar a ação das máximas conversacionais de Grice, estamos lidando com eficiência pragmática. Pode-se dizer, portanto, que o domínio das máximas revela competência pragmática (ou seja, competência comunicativa).

Para desenvolver formas de comunicação com sucesso, através da linguagem seja oral e/ou escrita devem ser observadas algumas características indispensáveis em quaisquer meios de produção textual. A linguagem é um meio complexo e ao mesmo tempo simples de expressar e transmitir qualquer tipo de mensagem, por isso, tão necessário se faz, tratá-la como perspicácia em todas as suas dimensões.

A dimensão ilocutiva e perlocutiva da linguagem, conforme Koch (2006) orientam são os elementos estruturais na transmissão de uma mensagem persuasiva. Ao

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Comunicação Social Hab. Jornalismo do CESNORS/UFSM, e-mail: [vitali9@hotmail.com](mailto:vitali9@hotmail.com)

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Professor Elias José Mengarda, e-mail: [mengarda@smail.ufsm.br](mailto:mengarda@smail.ufsm.br)



produzirmos determinados enunciados provocamos no interlocutor, certos efeitos, e às vezes, são justamente aqueles que o locutor planejou produzir. Na linguagem jornalística seguir os procedimentos de análise na perspectiva da pragmática é fundamental para a compreensão dos enunciados. Devido à dimensão implícita que subjaz aos atos de linguagem, se deve ter muito cuidado na elaboração e transmissão de qualquer informação para assim, podermos atingir os objetivos da interação comunicativa.

Com base no exposto, o trabalho desenvolvido a seguir pretende apresentar tais elementos de análise e construção textual a partir dos conceitos e métodos estabelecidos pela Pragmática. Para tanto, pretende-se fazer uma análise de textos orais e escritos, a fim de obter uma compreensão melhor a respeito das formas ou tipo de ações implícitas presentes no processo de comunicação.

## **2 Linguagem e ação**

Em seguida, apresentamos os principais itens que constituem a dimensão pragmática da linguagem. Na nossa análise, destacamos dentre estes itens os seguintes aspectos:

### **2.1 Dimensão ilocutiva e perlocutiva**

De acordo com Koch (2006), a dimensão ilocutiva provoca uma determinada força que pode ser de pergunta, de asserção, de ordem, de promessa, etc. O ato ilocucionário realiza a ação que nomeia. A força ilocucionária poderia sempre ser explicitada por meio de um performativo. Assim, quando se deseja convencer, assustar ou agradar alguém, não basta dizer “eu (te) convengo”, “eu (te) assusto”, “eu (te) agrado” – a persuasão, o temor, a satisfação vão decorrer (ou não) daquilo que é dito, esclarece Koch.

A dimensão perlocutiva é aquela designada a exercer certos efeitos sobre o interlocutor como assustá-lo, convencê-lo, agradá-lo, etc. efeitos que podem se realizar ou não. Por exemplo, um ato de ameaça pode não surtir efeito, bem como um ato de persuasão pode não persuadir o interlocutor, explica Koch (2006).

É preciso, no entanto, observar que todo ato da fala é, ao mesmo tempo, perlocucionário, locucionário e ilocucionário, caso contrário não seria um ato de fala:



sempre que interagimos através da língua, pronuncia-se um enunciado lingüístico dotado de certa força que produzirá no interlocutor determinado(s) efeito(s), ainda que não aquele(s) que o locutor tinha em mira, afirma Koch (2006).

Apresentamos abaixo breves diálogos captados no cotidiano da universidade ou no convívio doméstico que demonstram a dimensão ilocutiva e perlocutiva da enunciação:

Dimensão ilocutiva: os atos de linguagem são meramente informativos.

- a) O professor diz:
  - Estamos na 3ª aula e têm alunos que trancaram a matrícula.
  
- b) A mãe diz:
  - Vou desligar o videogame.

Dimensão perlocutiva: os atos de linguagem implicam ações determinadas por estes próprios atos de linguagem.

- c) O filho joga videogame e mãe diz:
  - Vou desligar o videogame.
  - O filho corre fazer os temas, porque sabe que está na hora.
  
- d) O filho está no computador e a mãe diz:
  - Vou desligar o computador.
  - O filho corre arrumar o quarto, porque sabe que está na hora.
  
- e) O neto está assistindo televisão e a vovó diz:
  - Vou desligar a televisão.
  - O neto corre fazer um lanche, porque sabe que está na hora.

## **2.2 Máximas Conversacionais**

As máximas conversacionais têm como base da interação comunicativa o princípio cooperativo entre falante e ouvinte, possível de reger a comunicação,



conforme encontramos em Grice (1975, apud KOCH, 2006). As informações, de acordo com o princípio cooperativo, fazem parte do conhecimento compartilhado, dependente do contexto conversacional, explica Mokva.

De acordo com Mokva, às máximas conversacionais de Grice atribui:

- a) Qualidade – não dizer o que você acredita que seja falso.
- b) Quantidade – sua contribuição deve ser tão informativa quanto necessária, nem mais nem menos.
- c) Relevância – sua contribuição deve ser relevante.
- d) Modo – evite ambigüidades e/ou obscuridades. Seja ordenado.

As máximas de Grice nos fazem ver que a conversação obedece a uma lógica própria, pois a infração de uma das máximas pelo falante produz efeitos distintos dos que teria a princípio, esclarece Mokva.

A seguir apresentamos diálogos com a devida verificação, se violam as máximas conversacionais:

- a) (A) Que horas são?  
(B) Ainda é cedo.

Este diálogo demonstra que a resposta do interlocutor (B) quebra a máxima da quantidade por não ser tão informativa quanto necessária. Entretanto, parece que (B) está respondendo assim, para implicar que não teria condições de oferecer uma resposta mais precisa e, por respeitar a supermáxima da qualidade, e acreditar que ela seja mais relevante no contexto que a da quantidade, prefere ser menos informativo a mentir. Este também é bastante comum e os interlocutores de um diálogo, como esse, sabem perfeitamente o que (B) está dizendo e implicando. A pergunta de (A) requer uma resposta exata, isto é, a hora certa. Sabe-se, entretanto, que é muito freqüente que (B), não tendo condições de dar a informação exigida, ofereça alguma satisfação à pergunta, embora de forma vaga. (A) entende, perfeitamente, que (B) está dizendo que é cedo e implicando que não pode, honestamente, dar uma resposta certa e exata para (A), mas assim mesmo, está atento à mensagem e posicionando-se diante dela, explica A Teoria Inferencial das Implicaturas: Descrição do Modelo Clássico de Grice.

- b) (A) Você me adora?  
(B) Eu gosto de estar ao seu lado.



De acordo com o que encontramos na Teoria Inferencial das Implicaturas: A Descrição do Modelo Clássico de Grice, este diálogo demonstra que a resposta de (B) quebra a máxima da quantidade por não ser tão informativa quanto necessária. Entretanto, (B) parece estar respondendo assim, para implicar que não teria condições de oferecer uma resposta mais precisa e, por respeitar a supermáxima da qualidade, e acreditar que ela seja mais relevante no contexto que a da quantidade, prefere ser menos informativo a mentir. Este diálogo também é bastante familiar. A pergunta de (A) poderia ser respondida sim ou não; (B), porém, prefere afirmar algo que parece estar quebrando a máxima da relevância e da quantidade, tentando implicar que não pode ou não quer dar uma resposta radical à pergunta de (A).

- c) (A) Em São Paulo todos trabalham.  
(B) É verdade. São Paulo é uma enorme fábrica.

Este diálogo abandona a máxima da qualidade. A resposta de (B) é a violação da máxima da qualidade através do processo conhecido como metáfora. (A) e (B) sabem que (B) sabe que São Paulo não é uma fábrica enorme, mas entendem que a resposta metafórica implica a crença de (B) sobre a capacidade de trabalho que há nesta cidade, explica A Teoria Inferencial das Implicaturas: Descrição do Modelo Clássico de Grice.

- d) (A) Você vai me dar uma aliança de compromisso de presente?  
(B) Puxa! Como está calor, hoje.  
(A) Eu perguntei se você vai me dar a aliança?  
(B) Em compensação, acho que finalmente vai chover.

De acordo com A Teoria Inferencial das Implicaturas: Descrição do Modelo Clássico de Grice, nos diálogos acima ocorre a violação da “máxima da relevância”. O contexto poder-se-ia supor que marido e mulher dialogassem, e que o marido (B) estivesse quebrando a máxima de relevância para implicar que não quer enfrentar a pergunta de sua mulher (A) objetivamente. A sua segunda resposta é relevante em relação à primeira afirmação e continua quebrando a máxima da relevância no que se refere à pergunta de sua mulher.



- e) (A) Estou com dor-de-barriga.  
(B) Há uma farmácia nesta rua.

Segundo A Teoria Inferencial das Implicaturas: Descrição do Modelo Clássico de Grice, mesmo que, aparentemente, o exemplo acima apresenta a quebra de uma máxima como à da relevância ou de uma supermáxima como a da clareza, ainda assim, não há motivos para se afirmar que (B) violou o princípio da cooperação. Ao contrário, (A) poderá deduzir a implicatura conversacional exatamente por compreender que (B) está respeitando as regras do diálogo. (A) deduz que (B) diz haver uma farmácia na rua porque quer implicar que ela deve estar aberta e ter remédios que possam ser adquiridos por (A) para que seu problema seja resolvido.

### **3 Linguagem e Argumentação**

A seguir apresentamos os principais itens sobre linguagem e argumentação. Destacamos dentre estes itens os seguintes aspectos:

#### **3.1 Dimensão Implícita da Linguagem**

Muitos dos conteúdos implícitos podem ser analisados nas implicaturas:

O uso do termo implicatura se deve ao desejo de distinguir dois fenômenos lingüísticos: o fenômeno do acarretamento, o que se infere uma expressão com base apenas no sentido literal de outra; e o fenômeno em que a derivação de um sentido passa obrigatoriamente pelo contexto conversacional. (ILARI e GERALDI, 1990, 1976, apud MOKVA).

As implicaturas nos fazem observar que o reconhecimento das intenções é essencial em uma interpretação do enunciado. O caráter intencional da significação que pode ser evidenciado no processo de inferências exige do leitor um conhecimento do sentido literal das palavras associando-o aos conhecimentos prévios para que se possa chegar a um sentido real, afirma Mokva.



A seguir apresentamos manchetes de jornais para verificar as implicaturas:

- a) Manchete: “Presidente pressiona tucanos” (Correio do Povo, Porto Alegre, sábado, 24 de novembro de 2007, p. 5)

Nesta manchete está implícito que o presidente Lula começou a ofensiva junto aos governadores do PSDB para aprovar a prorrogação da CPMF até 2011.

- b) Manchete: “Mensalão mineiro derruba ministro” (Correio do Povo, Porto Alegre, sexta, 23 de novembro de 2007, p. 1)

No título está implícito que a denúncia do mensalão mineiro ao Supremo Tribunal Federal (STF) provocou a queda do ministro das Relações Institucionais, Walfrido dos Mares Guia.

- c) Manchete: “Porto Alegre é agora cidade sustentável” (Correio do Povo, Porto Alegre, sexta, 23 de novembro de 2007, p. 8)

Nesta manchete está implícito que Porto Alegre ingressou definitivamente na rede de cidades sustentáveis da América Latina.

- d) Manchete: “Estado enfrenta falta de remédios” (Correio do Povo, Porto Alegre, sexta-feira, 04 de janeiro de 2008)

A dimensão implícita da linguagem é que está faltando investimento na saúde.

- e) Manchete: “Seguro-desemprego reduz pedidos” (Correio do Povo, Porto Alegre, sexta-feira, 04 de janeiro de 2008)

Está implícito que mais pessoas estão empregadas.



### 3.2 Operadores Argumentativos

Conforme Koch (2006), o termo operador argumentativo foi cunhado por O. Ducrot para indicar a força argumentativa e o sentido dos enunciados. Segundo Koch (2006), para explicar seu funcionamento, Ducrot utiliza duas noções básicas: escala argumentativa e classe argumentativa.

Uma classe argumentativa é constituída de um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento para uma mesma conclusão. Ex.:

1) Nilson é o melhor candidato (conclusão R)

Arg. 1 – tem boa formação em Economia

Arg. 2 – têm experiência no cargo

Arg. 3 – não se envolvem em negociatas

Obs.: a) Os três argumentos formam nessa ordem a classe argumentativa.

b) Todos os argumentos têm o mesmo peso para levar o alocutário à conclusão R.

Quando dois ou mais enunciados de uma classe se apresentam em gradação de força crescente no sentido de uma mesma conclusão, tem-se uma escala argumentativa, afirma Koch (2006).

2) A apresentação foi coroada de sucesso (conclusão R)

Arg. 1 – estiveram presentes personalidades do mundo artístico

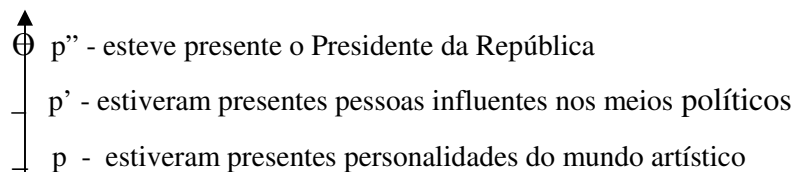
Arg. 2 – estiveram presentes pessoas influentes nos meios políticos

Arg. 3 – esteve presente o Presidente da República (argumento mais forte)

Costuma-se representar graficamente a escala argumentativa da seguinte forma:

A apresentação foi coroada de sucesso (conclusão R)

(Arg. + forte)



Obs.: Se a mesma conclusão for *negada*, invertem-se os elementos da escala.



### 3.2.1 De acordo com Koch (2006), os principais tipos de operadores são:

a) Operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão (até, mesmo, inclusive, etc.).

b) Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão (e, também, ainda, nem, etc.).

c) Operadores que introduzem uma conclusão relativa a argumentações apresentadas em enunciados anteriores (logo, pois, portanto, etc.).

d) Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou apostas (ou, ou então, quer... quer, seja... seja, etc.).

e) Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, com vistas a uma dada conclusão (mais que, menos que, tão... como, etc.).

f) Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior (porque, que, já que, etc.).

g) Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias (mas, embora, ainda que, etc.).

h) Operadores que têm por função inserir no enunciado conteúdos pressupostos (já, ainda, agora, etc.).

i) Operadores que se distribuem em escalas opostas (quase, apenas, etc.).

A seguir apresentamos análises do emprego dos operadores argumentativos em parágrafos transcritos de jornais:

#### a) A explosão do Crack

Até aquele dezembro de 1997, o crack só existia em notinhas esporádicas nos jornais e conversa entre iniciados. Sua presença era tão rara que provocava mais curiosidade do que medo aos policiais e médicos especializados no combate às drogas. O pesadelo da hora atendia pelo nome de cocaína – também chamada de pó ou branca, que migrava dos narizes da classe abastada para as vilas de periferia. (Zero Hora: Domingo, 9 de dezembro de 2007, p. 50 e 51)

Operador “até” é um operador que assinala o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão.

Operador “também” é um operador que soma argumentos a favor de uma mesma conclusão, ou seja, argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa.



Operador “que” introduz uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior.

b) A explosão do Crack

E os traficantes já se deram conta disso, tanto que algumas bocas-de-fumo oferecem uma mistura de crack e maconha para fumar. É a malhadinha ou pitico. Em busca da praticidade do fumo, os viciados nem percebem que mergulham de cabeça no fosso da dependência da pedra amarela. (Zero Hora: Domingo, 9 de dezembro de 2007, p. 50 e 51)

Operador “E” é um operador que soma argumentos a favor de uma mesma conclusão, isto é, argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa.

Operador “ou” é um operador que introduz argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas.

Operador “tanto que” assimila o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão.

Operador “nem” soma argumentos a favor de uma mesma conclusão, isto é, argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa.

c) O caminho do dinheiro

Protegidos pela cumplicidade dos conselhos fiscais das entidades, dirigentes não escondem o uso indevido do dinheiro alheio. Chegam a documentar suas mordomias com notas fiscais, cheques, faturas e até com contratos registrados em cartórios, como revelam auditorias contábeis contratadas por representantes dos associados e obtidas por Zero Hora. Parte do resultado dessas auditorias se transforma em dossiês que têm como destino o Ministério Público do Trabalho ou a polícia. Abaixo, os bastidores de três sindicatos gaúchos: (Zero Hora: Domingo, 9 de dezembro de 2007, p. 46 e 47)

Operador “e” soma argumentos a favor de uma mesma conclusão, isto é, argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa.

Operador “até” é um operador que assinala o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão.

Operador “ou” é um operador que introduz argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas.



d) Senhores dos SINDICATOS

Carlos Etchichury e Carlos Wagner

“Ao longo de dois meses, Zero Hora seguiu a rota desse dinheiro e encontrou, em uma parcela dos sindicatos investigados, um descalabro administrativo fruto da mescla de má gestão, perpetuação e até crime”. (Zero Hora: Domingo, 9 de dezembro de 2007, p. 45)

Operadores “e” são operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão, ou seja, argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa.

Operador “até” é um operador que assinala o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão.

e) Senhores dos SINDICATOS

Carlos Etchichury e Carlos Wagner

É justamente a transparência que embasa a discussão sobre uma reforma sindical no Brasil. Pelo menos 18 projetos apresentados nos últimos 20 anos cogitam mudanças na contribuição sindical, na fiscalização de entidades e até na contagem de tempo de serviço para trabalhadores licenciados pelo mandato sindical. Deputados e senadores divergem no conteúdo das propostas, mas não na necessidade de apresentar alternativas à legislação sindicalista organizada por Getúlio Vargas no século passado. (Zero Hora: Domingo, 9 de dezembro de 2007, p. 45)

Operador “e” soma argumentos a favor de uma mesma conclusão, isto é, argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa.

Operador “até” é um operador que assinala o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão.

Operador “mas” é um operador que contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias.

### 3.3 Marcadores de Pressuposição

Conforme Koch (2006), marcadores de pressuposição são marcas que introduzem ao pressuposto. Há 3 elementos introdutórios de pressuposto. Além dos operadores argumentativos.



1) Verbos que indicam mudança ou permanência de estado (ficar, passar, continuar, começar, etc.). Ex.: Pedro deixou de beber.

Pedro continuava bebendo.

Conteúdo pressuposto: Pedro bebia.

2) Verbos denominados “factivos”, ou seja, que são complementados pela enunciação de um fato, que de modo geral, são verbos de estado psicológico (saber, lamentar, lastimar, etc.). Ex.: Lamento que Maria tenha sido demitida.

Lastimo que Maria tenha sido demitida.

Sinto que Maria tenha sido demitida.

Ou

Não sabia que Maria tinha sido demitida.

Estes verbos “lamenta-se”, “lastima-se” “desconhece-se” o fato de Maria ter sido demitida, sendo, portanto, pressuposto.

3) Certos conectores circunstanciais, especialmente quando a oração por eles introduzida vem anteposta por pressuposição lingüística (desde que, antes que, depois que, visto que, etc.) Ex.: Desde que João ficou noivo, não cumprimenta mais (pp: João ficou noivo) amigas.

Abaixo frases e/ou parágrafos de textos jornalísticos que indicam marcadores de pressuposição:

#### a) Bases abrigam os náufragos

As más condições meteorológicas registradas neste sábado impediriam a viagem para o Chile dos 154 ocupantes do navio de Cruzeiro Explorer, que afundou na Antártica na sexta-feira depois de bater em um iceberg. As autoridades chilenas planejam realizar dois vôos em um avião do tipo Hércules para a região, onde os passageiros e os tripulantes do navio passaram a noite em bases militares do Uruguai e do Chile, na ilha Rei George. ‘As condições meteorológicas continuam ruins, desta forma não sabemos quando Hércules partirá para a Antártida’, disse o comandante Reinaldo Neuling, chefe de Comunicação da Força Aérea chilena em Punta Arenas. (Correio do Povo, Porto Alegre, domingo, 25 de novembro de 2007, p. 1)

Introdutor de pressuposto “continuam” é um verbo que indica permanência de estado.



Introdutor “depois de” é um conector circunstancial.

b) Bases abrigam os naufragos

A base chilena abriga 84 naufragos e os outros 70 estão na base uruguaia de Artigas. O grupo foi resgatado pelo navio norueguês Nordnorge. O naufrágio deixou uma mancha de óleo de 180 por 20 metros, que está sendo dispersada pelo navio quebra-gelo chileno Viel. (Correio do Povo, Porto Alegre, domingo, 25 de novembro de 2007, p. 1)

Introdutor de pressuposto “deixou” é um verbo que indica mudança de estado.

c) Natal mobiliza os consumidores

A um mês do Natal, o comércio de Porto Alegre comemora o melhor período de vendas do ano no varejo e investe nas facilidades de pagamento e na decoração para atrair os consumidores. Mesmo o tempo instável não conseguiu afastar os porto-alegrenses das compras neste sábado. O movimento começou cedo em shoppings e nos estabelecimentos do Centro de pessoas que buscavam fugir da correria de última hora. (Correio do Povo, Porto Alegre, domingo, 25 de novembro de 2007, p. 1)

Introdutor de pressuposto “começou” é um verbo que indicam mudança de estado.

d) Natal mobiliza os consumidores

As vendas deverão alcançar, na Grande Porto Alegre, cerca de R\$ 900 milhões. A projeção positiva leva em consideração fatores como estabilidade da economia, expansão do crédito e diminuição da taxa de juros. No começo de dezembro, a CDL divulgará pesquisa sobre as intenções de compra dos consumidores. (Correio do Povo, Porto Alegre, domingo, 25 de novembro de 2007, p. 1)

Introdutor de pressuposto “começo” é um verbo que indica mudança de estado.

e) Duas vezes 1.000

[...] ‘Vou falar com o presidente. Acho que mereço uma placa e uma camisa especial’, brincou o atacante, que ficou sabendo do feito pelo sistema de alto-falante do estádio: ‘É mais uma marca interessante, mas o importante é que conquistamos a vitória’, continuou. (Correio do Povo, Porto Alegre, segunda-feira, 26 de novembro de 2007, p. 28)

Neste texto, a presença do verbo “Ficou” indica permanência de estado.



## 4 Considerações Finais

Ao abordarmos aspectos da pragmática da comunicação, tais como a linguagem, ação e argumentação. Os textos analisados indiciam intenções comunicativas que podem abranger diferentes contextos com a presença de conteúdos implícitos nos atos comunicativos ou escritos, conteúdos metafóricos e/ou irônicos. No decorrer das explanações, visamos à integração dos princípios que regem a conversação em uma dimensão social e psicológica nos atos de persuadir, argumentar ou simplesmente proferir um enunciado, envolvendo a subjetividade e o contexto sócio-político-histórico.

Após analisarmos as máximas conversacionais e aspectos da linguagem e argumentação podemos afirmar que é preciso dedicar atenção especial à comunicação verbal, em relação ao uso que as pessoas fazem da linguagem, enquanto atividade constitutiva e produtiva, pois é no jogo argumentativo da linguagem e pelas inferências que a comunicação interativa se transforma em conhecimento.

Ao observarmos os elementos da linguagem, que direta ou indiretamente fazem parte do nosso cotidiano através de expressões e estruturas frasais que manifestam opiniões, divergências em idéias, ideais e decisões no contexto sócio-político-histórico, chega-se à constatação de que os atos de fala envolvem um jogo de palavras, muitas vezes, despercebido, mas que apresentam uma comunicação ativa e plena de significados.

## Referências Citadas

KOCH, I. **A interação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 300 p.

MOkVA, A. M. **Os “ditos políticos” nas máximas de Grice: Uma análise**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/2/09.htm>. Acesso em: 20/12/2007.

A Teoria Inferencial das Implicaturas: Descrição do Modelo Clássico de Grice. In: <http://www.pucrs.br/letras/pos/logica/implicat.html>. Acesso em: 21/12/2007.